



Como viver juntos? A tolerância ao relativismo cultural

18 de Junho de 2019

Muitas vezes, partimos do princípio que os indivíduos que pertencem a determinada comunidade cultural são um grupo monolítico, sem variações, e que as suas ações, e também os direitos, devem ser vistos dentro do contexto da sua cultura. Com base nesta premissa, os diferentes grupos culturais definem o seu posicionamento perante outros e optam pela tolerância ou pelo confronto. As questões que muitas vezes se levantam são: Tudo deve ser tolerado? Tudo pode ser explicado ou justificado porque “é a cultura deles”? Será que tudo se explica desta forma? Qual o lugar da liberdade de expressão individual nesta equação? Como gerir situações em que a prática cultural de alguns constitui uma ofensa para outros? Como viver juntos?

Castelo Branco, Fábrica da Criatividade

Convidados: Alice Nascimento, professora da Escola Básica Afonso de Paiva; Jorge Infante, Amato Lusitano Associação de Desenvolvimento; Luís de Paula, médico-dentista.

Moderador: Jorge Manuel Costa, ESART - Escola Superior de Artes Aplicadas
Em colaboração com a Terceira Pessoa

Évora, Direcção Regional da Cultura do Alentejo (Rua de Burgos)

Convidados: Hélio Mateus, ZUT! - Associação Cultural; Teresa Furtado, Universidade de Évora, Directora do Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Moderador: Leonel Alegre, Acesso Cultura

Faro, Ruínas Romanas de Milreu, Estoi

Convidados: Alexandra Diogo, atriz Folha de Medronho; Gil Silva, Director Teatro das Figuras; Madalena Victorino, coreógrafa, projecto Lavrar o Mar

Moderador: António Branco (Professor, Universidade do Algarve)

Funchal, Palácio de São Lourenço

Convidadas: Ana Cristina Monteiro, VENECOM - Associação de Imigrantes Venezuelanos na Madeira; Aura Rodrigues, VENEXOS Madeira - Associação de Imigrantes Venezuelanos em Portugal, delegação da Madeira; Cristina Trindade, Historiadora, investigadora associada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Maria do Céu Silva, Professora Escola Secundária Ângelo Augusto da Silva.

Moderador: Carlos Valente, Universidade da Madeira, coordenador do Departamento de Arte e Design.

Lisboa, Atelier-Museu Júlio Pomar

Convidados: Cristina Santinho, antropóloga, investigadora do CRIA-Centro em Rede de Investigação em Antropologia; Liliana Coutinho, curadora e investigadora, Culturgest; Tiago Santos, Observatório das Migrações

Moderadora: Maria Vlachou, Acesso Cultura

Ponta Delgada, Teatro Micaelense

Convidados: Leonor Sampaio da Silva, CHAM-A (Centro de Humanidades – Núcleo dos Açores, Universidade dos Açores); Paulo Mendes, Sociólogo; Sofia Botelho, Serviço Educativo do Museu Carlos Machado

Moderadora: Célia Pereira, CRESAÇOR - Cooperativa Regional de Economia Solidária

Porto, Museu e Igreja da Misericórdia do Porto

Convidados: Jorge Oliveira, Espaço T; Maria Gil, ativista; Maria João Vasconcelos, Museu Nacional Soares dos Reis

Moderador: Hugo Cruz, PELE

Vila Nova de Famalicão, Galeria Municipal Ala da Frente

Convidados: Inácio Rozeira, viajante profissional; José Filgueiras, Director do Grupo de Jovens Atirados da Burra; Manuela Araújo, Associação Famalicão em Transição.

Moderador: Álvaro Magalhães, Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão

Acerca da convivência com outras culturas

Principais ideias, questões e afirmações dos convidados e do público:

- Criticar outras culturas que partilham o mesmo espaço connosco com base no argumento "não faz parte da nossa cultura" é perigoso. Quem define o que faz parte da "nossa cultura" são normalmente as maiorias e os grupos de poder. A "nossa cultura" é opressora para muitos dos "nossos": por exemplo, para a comunidade LGBTI, trans, entre outras.
- A homogeneidade numa cultura não é um conceito realista, pois existem diferenças dentro da nossa própria cultura.
- O único argumento que podemos usar para criticar outras culturas é o dos direitos humanos, que devem ser considerados universais e transversais a todas as culturas.
- Qual é a fronteira entre questões culturais e direitos humanos? Quem define o certo e o errado?
- Existem direitos universais que não podem estar sujeitos ao relativismo como o acesso à educação, à liberdade...
- Algumas práticas que hoje são estranhas à nossa cultura, como o hábito de as mulheres cobrirem o cabelo, eram comuns no nosso país há poucas gerações atrás.
- Aceitar que tudo seja aceitável é perigoso? A consciência da aceitação da diferença deve ou não inibir que aceitemos tudo?
- "Tolerância" é uma palavra melindrosa, porque introduz a "aceitação indiferente", quando o que se deve procurar é uma efectiva integração e entrosamento entre culturas. Esta integração deverá partir de ambos lados: de quem chega e de quem acolhe.
- Abandono de preconceitos e de estereótipos. Aprendizagem/conhecimento do outro e de outras sociedades.
- A dimensão que transforma uma sociedade é a relação de reciprocidade, a troca, e as experiências. O que posso aprender com o outro?
- O perigo das generalizações que nos podem fazer cair no racismo e no preconceito.

Casos comentados

Principais ideias, questões e afirmações dos convidados e do público:

- Mulheres neozelandesas que usaram o hijab em homenagem à comunidade islâmica, o que foi contestado por algumas mulheres muçulmanas.
- Muçulmanos a quem foi negada cidadania suíça, por terem recusado apertar a mão a uma mulher.
- Pais muçulmanos no Canadá que exigem dispensa dos filhos das aulas de música e natação alegando ser contra a sua religião.

E em Portugal?

Principais ideias, questões e afirmações dos convidados e do público:

- Em Portugal, este tema não tem a expressão política e eleitoralista que tem noutros países europeus.
- Portugal é ou não um país racista, misógino e intolerante? Continuamos a viver numa sociedade hegemónica, ainda temos muita dificuldade em abandonar a palavra descobrimentos e em falar de ocupação.
- O país teve a capacidade de acolher e integrar os retornados e criou, inclusive, medidas específicas ao favorecimento da sua integração profissional e habitacional.
- Em Portugal, não se verificaram casos significativos de intolerância cultural ao longo dos tempos, com excepções pontuais e motivadas por conjunturas específicas.
- Alguns sectores da sociedade madeirense olham com desconfiança os recém-chegados luso-venezuelanos, não tanto por questões culturais mas por serem vistos como "concorrentes" no acesso ao emprego e à segurança social.

Que estratégias? Que caminhos? Que posições

Principais ideias, questões e afirmações dos convidados e do público:

- Em alguns casos, é preciso agir já (proibindo certos costumes que vão contra os direitos humanos), mas noutros talvez seja preciso dar algum tempo para que haja uma adaptação cultural.
- A educação (na escola e na família) e a cultura são ferramentas importantes para o combate à intolerância e para promover um convívio entre culturas assente no respeito.
- O espírito de competitividade reinante na sociedade ocidental limita a tolerância. É necessária uma atitude de cooperativismo que dê lugar a que as pessoas se liguem e que, por isso, vivam juntas de forma mais intensa.
- A mudança passa pela capacitação, pelo conhecimento e pela educação.
- Projectos artísticos que desafiem o medo, quebrem barreiras (muitas vezes entre culturas), ponham em confronto/diálogo pessoas opostas, e levem ao limite o contacto com o outro para desmistificar e reduzir preconceitos.
- Os projectos artísticos comunitários são muito frágeis por ocorrerem, na sua maioria, num tempo limitado. Para transformar, é preciso tempo de escuta ativa entre todos. Apesar disso, estes projectos artísticos são (ou podem ou deviam ser) um acelerador da mudança de perspectiva e da defesa dos direitos fundamentais da humanidade.